



Os diversos grupos matrizes formadores do povo de Israel

The various matrix formative groups of the people of Israel

ANDRÉA BERNARDES DE TASSIS RIBEIRO^a

VALMOR DA SILVA^b

Resumo

O artigo apresenta a discussão sobre as teorias e modelos para a formação do povo de Israel. Começa pelas hipóteses sobre o modo e o lugar onde se formou Israel. Passa para as opiniões sobre o tempo quando se formou Israel. E se concentra na apresentação da teoria sobre os quatro principais grupamentos que contribuíram para a formação de Israel, a saber, patriarcal (nômade pastoril), êxodo do Egito (seminômade pastoril), monte Sinai (nômade pastoril) e protoisraelitas de Canaã (sedentários e seminômades), pela perspectiva mais aceita de estudos atuais. A hipótese dominante para toda essa discussão é a variedade de suposições. Multifacetada é a palavra que qualifica a formação do povo de Israel. As diversas hipóteses buscam explicar o texto bíblico, com apoio dos documentos do Antigo Oriente Médio e das descobertas arqueológicas da região. O artigo segue a metodologia da revisão bibliográfica em diálogo com os diversos autores, para uma apresentação didática do conjunto de suposições. Como resultado, visa apresentar uma visão de conjunto sobre os inícios da história do povo de Israel.

Palavras-chave: Grupamento Patriarcal. Grupamento do Êxodo do Egito. Grupamento do Monte Sinai. Protoisraelitas

Abstract

The article presents the discussion about the theories and models for the formation of the people of Israel. It starts with hypotheses about the way and place where Israel was formed. It moves on to opinions about the time when Israel was formed. And it focuses on presenting the theory about the four main groups that contributed to the formation of Israel,

^a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia, GO, Brasil. Mestre em Ciências da Religião, e-mail: abtr.mg@gmail.com

^b Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia, GO, Brasil. Doutor em Ciências da Religião, e-mail: lesil@terra.com.br

namely, patriarchal (pastoral nomadic), exodus from Egypt (pastoral seminomadic), mount Sinai (pastoral nomadic) and protoisraelites from Canaan (sedentary and seminomadic), by the most accepted perspective of current studies. The dominant hypothesis for this whole discussion is the variety of assumptions. Multifaceted is the word that qualifies the formation of the people of Israel. The various hypotheses seek to explain the biblical text, supported by documents from the Ancient Near East and archaeological discoveries in the region. The article follows the methodology of the bibliographic review in dialogue with the various authors, for a didactic presentation of the set of assumptions. As a result, it aims to present an overview of the beginnings of the history of the people of Israel.

Keywords: *Patriarchal's Group. Group of Exodus from Egypt. Group of Mount Sinai. Protoisraelites.*

Introdução

Este artigo apresenta as hipóteses sobre os principais grupamentos que constituíram a origem do povo de Israel: grupamento patriarcal, grupamento do êxodo do Egito, grupamento do Monte Sinai e grupamento protoisraelita. De maneira didática, propõe caracterizar e definir, a partir das contribuições de pesquisas recentes, consideradas as mais plausíveis, cada um desses grupamentos em suas características diversas como origem histórica, localização geográfica, legislação, crenças e divindades de cada grupo.

O artigo se propõe, portanto, objetivo didático, a fim de sistematizar a temática proposta, sem pretender, originalmente, novas hipóteses ou teses distintas. Para responder a esse objetivo, a metodologia utilizada é a da revisão bibliográfica, em diálogo com as pesquisas, preferencialmente para as discussões latino-americanas.

A descrição dos grupamentos que formaram Israel pressupõe a resposta a três perguntas anteriores. Como, onde e quando surgiu Israel? Essas são, talvez, as maiores incógnitas para a pesquisa bíblica. As hipóteses buscam fundamento, normalmente, nos textos bíblicos, nos achados arqueológicos e nos documentos do Antigo Oriente Médio. Segue-se a apresentação das principais teorias sobre cada uma dessas questões.

Teorias sobre como e onde se formou Israel

Três teorias tornaram-se clássicas na pesquisa sobre a formação de Israel: ocupação pacífica, conquista violenta e revolução interna¹.

A primeira teoria, a da ocupação pacífica, afirma que Israel se constituiu por um processo de imigração de povos nômades e seminômades, num movimento de transumância regular, movido por razões climáticas, em busca de águas e pastagens para os rebanhos. A partir do deserto e da estepe, em direção às terras férteis, os seminômades se agruparam em clãs e tribos, até formarem uma unidade política, social e religiosa. Essa teoria foi proposta por Alt e desenvolvida por seu discípulo Noth. Tem como referência o sistema de anficionia (termo grego a partir do verbo que significa morar ao redor), e se refere à confederação de tribos em torno a um santuário. Nessas ligas político-religiosas, se cultivavam as sagas relativas à memória histórica do passado das tribos. A teoria dá mais atenção aos relatos bíblicos, pelo método histórico-crítico e menos reconhecimento às pesquisas arqueológicas.

A segunda teoria, a da conquista violenta, defende uma invasão de habitantes externos, gente do deserto, num processo de fusão com habitantes cananeus. Israel teria se formado fora de Canaã, possivelmente no Egito, talvez sob a liderança de Moisés e, num processo unificado, invadiu violentamente a terra. A teoria dá bastante razão aos textos bíblicos (principalmente Js 1-12), e procura conciliar os dados teológicos com as informações históricas, porém descuida igualmente das descobertas arqueológicas. A proposta inicial é de Albright e foi propagada por Bright e por diversos outros autores.

A terceira teoria, da revolução interna, explica o surgimento de Israel por uma insurreição camponesa, dentro da própria região de Canaã, com fuga de povos das cidades-estados rumo às terras férteis e desabitadas, principalmente nas regiões montanhosas e cobertas de mata. Israel se formou, assim, dentro da sociedade cananeia, por um processo revolucionário, com a queda do feudalismo cananeu e com a entrada de outros grupos em Canaã, como o grupamento mosaico do êxodo, entre outros. Nessa nova unidade política, Yhwh (Javé) foi

¹ A síntese que segue se baseia em Schwantes (2008b, p. 31-33). Utiliza também as discussões de Pixley (2013, p. 14-21) e de Duarte Castillo (1990, p. 97-100). Para debates mais amplos, pode-se consultar Ray (2008, p. 79-93).

adotado como o Deus libertador comum a todas as tribos. Segundo essa teoria, não houve imigração nem invasão, mas verdadeira revolução, caracterizada como uma revolta camponesa, com forte apoio do grupo *hapiru*, trabalhadores mercenários e nômades. A proposta aplica o modelo sociológico para combinar os textos bíblicos com a arqueologia e com os documentos históricos. Começa com Mendenhall e tem seu grande representante em Gottwald.

Na América Latina, há uma adesão prioritária à terceira teoria, pelo modelo revolucionário. Schwantes (2008b, p. 32) afirma que “Israel se constitui sob as condições do feudalismo cananeu”. Pixley (2013, p. 18) elenca as vantagens da teoria da insurreição camponesa, porque: “ela explica como o grupo que saiu do Egito trouxe a sua história da libertação da servidão aos reis como a história oficial para toda a nação”. Para Kaefer (2015, p. 31):

O surgimento do que mais tarde seria Israel se deu nas montanhas. Encontramo-lo nas montanhas ao norte do Vale de Jezreel, na região de Issacar e Zabulon, ao redor do monte Tabor, e ao sul do Vale de Jezreel, nas montanhas de Manassés e Efraim, até as montanhas de Benjamin.

Após expor o processo de formação do povo de Deus, Schlaepfer, Orofino e Mazarolo (2004, p. 46) sintetizam: “Vimos como surgiu, numa revolta social reunindo vários grupos nas montanhas de Canaã, o novo povo de Israel”.

Teorias sobre quando se formou Israel

Dentre inúmeras propostas para datar o período em que começou a existir uma grandeza sociopolítica chamada Israel, podem ser destacadas três teorias, didaticamente, seguindo os grandes períodos históricos tradicionais: época patriarcal, período dos juízes e período da monarquia².

A época patriarcal, como início de Israel, foi consenso praticamente unânime, na pesquisa, até a década de 1970. Segundo essa teoria, Israel teria começado, realmente, no segundo milênio a.C. Os argumentos são basicamente os próprios textos bíblicos, parafraseados como se fossem verdadeira fonte histórica,

² A síntese parte da análise detalhada das diversas teorias e autores, por Silva (2003, p. 43-87) e por Soggin (1986, p. 129-145). Para discussão ampla sobre as várias teorias, consulte Dever (2006).

resultando numa leitura fundamentalista. Bright é o melhor exemplo de exposição da história de Israel nesse consenso.

O período dos juízes, como uma confederação de tribos em torno a santuários, a modo de anfictionias, é outra teoria bastante explorada. Israel teria surgido, assim, desse processo de retribalização de Canaã, com organização antiestatal e liderança descentralizada. Essa teoria localiza os inícios de Israel na passagem da era do bronze para a era do ferro. O período dos juízes se estenderia a partir do êxodo, por volta de 1225, até Saul, em torno a 1030 a.C. O texto conhecido como assembleia de Siquém, sob Josué (Js 24), seria representativo dessa realidade. A teoria tem seu idealizador em Gottwald, além de outros, sobretudo latino-americanos.

A monarquia como ponto inicial da formação de Israel tem sido defendida por bom grupo de estudiosos. Segundo seus argumentos, somente um reino estruturado poderia oferecer condições para a formação de um Estado propriamente dito. Essa formação teria acontecido com o império davídico-salomônico, em torno ao ano 1000 a.C. Outra variante desloca para o século IX ou mesmo VIII a.C., no tempo da chamada monarquia dividida. É o que defendem Donner, Soggin e outros.

Na América Latina, ganhou preferência a teoria segundo a qual Israel se formou na época dos juízes, a partir da experiência do êxodo, o evento fundante da nação. Pixley (2013, p. 13) afirma: “A data que colocamos para o começo da história de Israel foi o ano 1220 a.C., a data estimada do êxodo”. Schwantes (2008a, p. 18) confirma: “O tribalismo não foi um acidente em Israel. Foi um projeto intencional, programado, pelo qual as pessoas lutaram muito, como se lê em Josué e Juízes”. Scardelai (2008, p. 21) acentua: “A origem ‘histórica’ mais remota de Israel, etapa em que os israelitas já podem ser considerados parte da população estabelecida na região de Canaã, coincide com a época dos Juízes (séc. XII)”.

Dentre os argumentos que dão sustentação a essa preferência, podem ser elencados os seguintes: nos textos bíblicos, a memória do êxodo permanece como o evento fundante de Israel e, como tal, é professada nos credos históricos (Dt 26,5-9; 6,20-23; Js 24,1-13; Ne 9,9-12), é rezada nos Salmos e nas celebrações litúrgicas (Sl 78,43-53; 105,27-38; 136,10), é reinterpretada como evento histórico

em momentos diversos (Sb 11-18) enfim, percorre toda a Bíblia como um fio condutor temático (SILVA, 2004, p. 81-97).

Na arqueologia, são identificados diversos indícios da ocupação gradual nas montanhas do Norte de Israel, no período do bronze tardio, entre 1550 e 1250 a.C., graças à metalurgia, que permitiu derrubar as matas e graças à cal, que possibilitou o revestimento das cisternas (KAEFER, 2105, p. 31). Também as escavações arqueológicas recentes mostram várias cidades queimadas e abandonadas no período entre 1250 e 1200, o que atesta o colapso do sistema urbano de Canaã nessa época (SCHLAEPFER; OROFINO e MAZZAROLO, 2004, p. 36).

Nos documentos extrabíblicos, a estela de Merneptah é o primeiro documento em que aparece o nome Israel. Trata-se de um monumento dedicado à campanha do citado faraó Merneptah sobre o território de Canaã. O texto da estela afirma: “Os príncipes estão prostrados ‘Misericórdia’!... Canaã foi saqueada por todos os males; acabaram com Ashkelon; Gezer foi tomada; Yanoã é como se não existisse; Israel é terra deserta, não tem semente” (SCARDELAI, 2008, p. 14; SCHWANTES, 2008b, p. 55-56). Significa que por volta de 1220, data da estela, Israel era uma realidade política em Canaã, porque é citado como vencido pelo faraó. As discussões sobre a identificação desse nome Israel são muitas. Poderia se referir ao “Israel bíblico”, conforme aparece nos textos; ao “Israel histórico”, identificado pela arqueologia como grupo de habitantes do norte de Canaã, na Idade do Ferro; ao “Israel antigo”, construído historicamente a partir dos textos bíblicos em diálogo com os achados arqueológicos, como uma amálgama entre o Israel mencionado na Bíblia e aquele da história (ACOSTA BENÍTEZ, 2013, p. 310).

Teorias sobre os grupamentos que formaram Israel

De volta aos inícios de Israel, segue-se a exposição sobre a teoria dos grupamentos que constituíram os inícios desse povo bíblico. Quais grupos constituíram essa “grande mistura de gente” (*‘érev rav*) a que se refere Ex 12,38? Os povos são muitos, certamente, mas a pesquisa atual identifica os seguintes grupamentos: dos patriarcas, do êxodo do Egito, do monte Sinai e protoisraelitas³.

³ A designação adotada neste artigo tem por base a obra de Ribeiro (2016, p. 111-124) que faz a diferenciação por período arqueológico, datação cronológica, contexto narrativo veterotestamentário,

Grupamento patriarcal

O grupamento patriarcal recebe frequentemente o nome de grupo abrahâmico, porque tem no patriarca Abraão o seu protótipo representativo. Esse grupo, por seu turno, é o que resistiu por mais tempo como seminômade, nas estepes do Antigo Oriente Médio, deslocando-se pelas periferias das cidades, e resistindo ao tributarismo cananeu.⁴

Os textos bíblicos pertinentes ao grupamento patriarcal se concentram no livro de Gênesis, mais precisamente nos chamados ciclos patriarcais, compreendendo o ciclo de Abraão (Gn 12,1-25,18), o ciclo de Isaac e de Jacó entrelaçados (Gn 25,19-37,1) e o ciclo de José entrelaçado com o de Jacó (Gn 37,2-50,26). Essas diversas tradições bíblicas, com seus gêneros literários próprios, não pretendem, naturalmente, apresentar documentário histórico. Apresentam-se, melhor dizendo, como testemunhos de fé para épocas posteriores, para novos destinatários e para contextos diversos. Concretamente, a redação das tradições patriarcais pode ser situada pelos séculos VIII e VII a.C., com releituras posteriores (REIMER, 2013, p. 68; REIMER, 2017, p. 28).

Mesmo assim, com apoio da arqueologia e dos documentos antigos, pode-se chegar a alguns consensos a respeito da origem semita desses grupos, a partir da antiga Mesopotâmia, em coincidência com os textos bíblicos. Pelo processo de transumância, seja devido às condições climáticas, ou por causa dos períodos de carestia, migraram em direção à Palestina/Canaã, onde se fixaram, gradativamente, à margem das grandes cidades da região, estabelecendo um modo de vida seminômade típico da época. Tal movimento envolve ondas migratórias da Mesopotâmia até o Egito, no arco da chamada meia lua fértil ou fértil crescente.

As narrativas de Abraão, efetivamente, se localizam entre Ur, na baixa Mesopotâmia e Harã, a noroeste da Mesopotâmia, em direção a Canaã (Gn

contexto histórico-arqueológico e contexto político na Palestina/Canaã dos grupamentos patriarcal, êxodo do Egito, monte Sinai e protoisraelitas.

⁴ Para o panorama geral sobre os grupos abrahâmicos, ver Schwantes (2008b, p. 63-83); também Ribeiro (2017, p. 58-61); para uma síntese, Schwantes (2008a, p. 13); outra síntese, Schlaepfer, Orofino e Mazarolo (2004, p. 41-42); Também Mazzinghi (2017, p. 27-31).

11,28.31; 15,7). Numa trajetória panorâmica, o texto bíblico o faz percorrer algumas localidades de Canaã, para chegar até o Egito (Gn 12).

Não são poucos os estudos que buscam fundamentar a historicidade do personagem Abraão e dos demais patriarcas e matriarcas, desde sua localização geográfica até sua atuação histórica no espaço do Antigo Oriente Médio, no tempo do terceiro ou segundo milênio antes da era cristã. Thompson (1974), que pesquisa as diversas hipóteses históricas, relaciona a história de Abraão e do período patriarcal com o cenário migratório das caravanas dos arameus, nos inícios do segundo milênio. Vogels (2000, p. 20) situa Abraão no século XIX a.C. Segundo Bright (2003, p. 41-42), seus antepassados semitas teriam saído da Mesopotâmia em direção à Palestina por volta do quarto milênio. Como se conclui, as hipóteses se dispersam ao longo dos séculos, mas permitem identificar vestígios históricos reais.

As histórias bíblicas, como Gn 12,6-9, são confirmadas pelo contexto histórico cultural da época, que retrata movimentos migratórios, em famílias ampliadas, vivendo debaixo de tendas, tendo como meio de subsistência o pastoreio de ovelhas. As fontes de água e as pastagens conduziam os seus destinos, tangidos por um modo de vida seminômade. Viviam sob o poder dominante do Egito faraônico, que mantinha o controle sobre os reis de Canaã e delegava a eles o controle de tributos sobre as terras. Nas palavras de Liverani (2008, p. 36):

Por cerca de três séculos (1460-c. 1170) a Palestina foi submetida ao domínio direto dos egípcios [...]. O controle egípcio era em grande parte indireto e os "pequenos reis" locais conservavam sua autonomia (mas não a independência) como "servos" e tributários do faraó.

Nesse contexto, podem ser situados acampamentos com características de grupamento patriarcal, nas planícies cananeias, fora dos altiplanos, indo e vindo num modo de vida marcado "tanto pela transumância anual [chuvas no inverno, secas no verão] quanto pela transmigração ocasional [flagelos climáticos ou catástrofes políticas]" (SCHWANTES, 2008b, p. 69). Tais grupos pastoris permaneciam como 'estrangeiros', porque não tinham condições de se fixar no território.

A religião desses grupos patriarcais possui características próprias, sendo regida pelos eventos familiares, tais como nascimento, circuncisão, matrimônio e sepultamento. Não há sacerdócio organizado e o culto pode ser exercido por um membro da família, o pai, como Abraão (Gn 17,23), ou as mulheres ou mães, como Séfora (Ex 4,24-26). O altar é provisório, como é próprio de povos migrantes, a exemplo de Abraão que constrói altares comemorativos (Gn 12,7.8). As comemorações são associadas a elementos da natureza, como os carvalhos de Mambré (Gn 13,18) ou a gruta de Macpela (Gn 23,19) (SCHWANTES, 2008b, p. 81-83).

Cada família ou clã possuía a sua divindade própria. Os textos bíblicos trazem diversas menções ao “deus dos pais”. Assim, quando Deus se apresenta a Moisés, ele é: “o Deus dos vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó” (Ex 3,16). Essa apresentação designaria, possivelmente, quatro experiências diferentes de Deus, ou quatro entidades religiosas diversas. Outras passagens confirmam características próprias das divindades, associadas a pessoas distintas. O Deus de Isaac é conhecido como o “Temor de Isaac” (Gn 31,43.53); o Deus de Jacó é o “Poderoso/Forte de Jacó” (Gn 49,24; Is 49,26; 60,16; Sl 132,2.5). O Deus de Abraão será associado com “Deus Todo-Poderoso” (Gn 17,1) (SCHWANTES, 2008b, p. 75-81).

Grupamento do êxodo do Egito

Outra força que se destaca, nesse processo de formação de Israel, é o grupamento do êxodo do Egito. Conhecido também como grupo mosaico, tem na figura de Moisés a sua representação e, na libertação da escravidão, o evento fundante de sua história. Enquanto o grupamento anterior, patriarcal, se ligava principalmente às terras da Mesopotâmia, este tem mais relação com os impérios egípcios. Compõe-se de trabalhadores forçados da construção de cidades, recrutados pelo poder do faraó, embora estejam envolvidos também com as atividades pastoris⁵.

⁵ Sobre o grupo mosaico, ver Schwantes (2008b, p. 84-106); Ribeiro (2017, p. 61-64); Schlaepfer, Orofino e Mazarolo (2004, p. 41-42); Também Mazzinghi (2017, p. 37-39).

Os textos bíblicos relativos a esse grupo estão no início do livro do Êxodo, especificamente em Ex 1-15. Mas incluem, indiretamente, a chamada “história de José”, que finaliza o Gênesis (Gn 37-50), e serve de passagem para o Êxodo, além de explicar como os hebreus chegaram ao Egito e foram submetidos aos trabalhos forçados. Segundo essa narrativa bíblica, os hebreus desceram ao Egito, originalmente por causa da fome que assolou toda a região e forçou Jacó a migrar, com sua família, em busca de sobrevivência (Ex 1,1-7).

Embora essa descida ao Egito não tenha registros históricos, tal e qual, existem verossimilhanças históricas e arqueológicas que atestam a entrada de populações semitas no Egito, bem como os seus trabalhos forçados, em regime de corveia. A informação de que os israelitas foram encarregados de construir as cidades de Pitom e Ramsés (Ex 1,11) encontra respaldo na história, na época do faraó Seti I ou Ramsés II, em torno ao século XIII a.C. Da mesma época, testemunhos das guarnições de fronteiras registram o ingresso no Egito de grupos de pastores provenientes do Oriente Médio, em busca de terras para seus rebanhos. A descida da “casa de Jacó” ao Egito caberia plenamente nesse contexto. Igualmente a opressão pela ação de um novo rei (Ex 1,8) poderia estar associada à ascensão do poderoso Ramsés II ao poder, no contexto do seu longo reinado. A submissão de estrangeiros, escravos e prisioneiros de guerra aos trabalhos forçados em troca de alimento (Ex 1,8-14) constitui uma realidade bem conhecida pelos historiadores (MAZZINGHI, 2017, p. 32-33).

A localização geográfica do Egito constituía polo de atração para as correntes migratórias, rumo aos vales férteis que margeavam o rio Nilo. Além disso, o poderio faraônico exercia influência sobre o território de Canaã, o que facilitava a entrada e saída de povos dominados. Grupos de pastores, de diversas origens e etnias, acorriam ao Egito em busca de pastagens e alimento. Além das migrações sazonais, havia as incursões guerreiras de conquista. Nas palavras de Schwantes (2008b, p. 100), “acrescenta-se a isso a deportação de beduínos e ‘pr (= hebreus) para o delta por ocasião das expedições militares na Terra de Canaã”. Essa presença de povos semitas no Egito, especificamente na fronteira leste do Nilo, é comprovada pelos achados arqueológicos bem como pelos textos históricos. Possuem igual fundamentação histórica e arqueológica as razões para essas migrações, seja pelas condições climáticas, seja pelas incursões guerreiras

dos egípcios, como demonstram os estudiosos Finkelstein e Silberman (2018, p. 62-63),

o Egito acenou como um lugar de refúgio e segurança para os povos de Canaã nos tempos em que a seca, a fome ou a guerra tornou a vida insuportável ou mesmo difícil [...]. E, em tempos de fome severa, havia somente uma solução: descer até o Egito.

Segundo os mesmos autores, Finkelstein e Silberman (2018, p. 65 a 67), a migração dos hebreus para o Egito poderia estar associada à invasão dos hicsos (semitas do Ocidente), da Palestina para o Egito. Essa invasão é confirmada pelos achados arqueológicos e pelos documentos históricos, como mostram as inscrições e selos que traziam os nomes de governantes hicsos, cuja origem era semítico ocidental, ou seja, cananeus. Os hicsos invadem o Egito por volta de 1600 a.C. e conseguem amplo controle sobre a população, graças à sua tecnologia mais avançada e à organização do território em cidades-estados. Além disso, Finkelstein e Silberman afirmam existir um importante paralelo entre a saga dos hicsos e o êxodo do Egito, que pode ser verificado por meio de uma fonte egípcia do século XVI a.C que narra a história de como o faraó Amósis perseguiu remanescentes hicsos, após o saque de Aváris, até sua principal cidadela, Saruen, no sul de Canaã.

Se por um lado os documentos históricos e arqueológicos atestam a presença de populações semitas escravizadas no Egito, em consonância com o relato bíblico, por outro, uma saída “massiva” desses povos não possui um registro histórico preciso. Vários elementos, entretanto, permitem reconstituir a historicidade de grupos de trabalhadores que se libertam da escravidão egípcia e que influenciaram a libertação de outros grupos em vista de uma nova grandeza social, política e religiosa. Por ter se constituído o evento mais importante da história de Israel, esse êxodo é teologizado ao longo da história bíblica, enriquecido com elementos de fé, como no credo histórico (Dt 26,5-9); recordado nas profecias, como no final do exílio babilônico (Is 43,16-21); rezado nos Salmos, como no louvor pelos feitos históricos (Sl 78); aplicado a novos contextos de opressão e libertação, como na sabedoria (Sb 10-15-21).

A conexão do evento do êxodo com as informações históricas disponíveis possibilita a recomposição dos fatos, de maneira muito próxima às narrativas bíblicas e o conseqüente processo de formação de Israel.⁶

No século XIII a.C., a passagem da idade do bronze para o ferro traz inúmeras inovações. A manipulação do ferro possibilita novas armas para a guerra e ferramentas mais eficientes para a agricultura. Além disso, a introdução da cal permite cimentar as cisternas para armazenar água nas montanhas. Essas inovações favorecem a ocupação de novos espaços para morar e para resistir frente aos sistemas repressivos.

A política internacional vive um vazio de poder, gerado pelo desgaste dos grandes impérios, hitita, egípcio e mesopotâmico. A invasão dos hicsos debilita ainda mais o poderio do Egito. Conseqüência dessa situação, os reis de Canaã passam a atacar-se e as cidades-estados vão entrando em colapso. Os filisteus se rebelam na faixa que conecta o Egito a Canaã. Os *hapiru*, frequentemente identificados como os hebreus das narrativas bíblicas, colocam-se a serviço da nova proposta de libertação, atuando como força de guerrilha nos diversos espaços sociais. Essa agitação acelera a mobilidade das organizações tribais e permite que grupos escravos se libertem das cidades-estados. De acordo com a narrativa veterotestamentária, um grupo tem a prerrogativa de fugir do Egito, atravessar o mar dos Juncos e ver a derrota do faraó nas suas próprias barbas. Comemora com o canto de vitória “Cantai a lahweh, pois de glória se vestiu; ele jogou ao mar cavalo e cavaleiro” (Ex 15,21). A partir daí, o relato se expandiu. Outros grupos se juntaram e adotaram a saga da libertação do Egito como própria.

O líder Moisés tem um nome típico egípcio, na verdade *Mosis*, que significa “filho de”, como em Tut-Mosis “filho do deus Tut”. Além disso, o nascimento de Moisés e seu resgate num cesto encontrado num rio tem uma história paralela com o antigo rei Sargão I. Na narrativa bíblica, Moisés lidera o grupo do êxodo que, posteriormente, envolve diversos outros grupos, como segue nesta argumentação.

⁶ Para a reconstrução histórica que segue, confira Schwantes (2008b, p. 84-106); Silva (2004, p. 23-26); para a relação entre os hebreus e a história, veja Trein (1988, p. 19-30); para o contexto histórico, Kessler (2009, p. 58-62).

E o Deus do êxodo? A tradição javista atribui a libertação a Javé, o Deus que vê a miséria do seu povo, ouve o seu clamor, desce para libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir à terra que mana leite e mel (Ex 3,7-8). Essa convicção teológica provavelmente elabora os dados históricos do Deus de origem madianita, cultuado em torno à montanha do Sinai, como será apresentado no próximo grupamento.

Grupamento do monte Sinai

Outro grupamento que se destaca, na formação de Israel, é o do Sinai, também conhecido como grupo do deserto ou grupo de Jetro. Constitui-se de pastores seminômades, organizados em tribos, que viviam no deserto ao sul da Palestina, em direção à Península da Arábia⁷.

Os textos bíblicos relacionados à marcha do povo, desde a chegada até a saída do monte Sinai/Horeb vão de Ex 19, passando pelo Levítico, até Nm 10,33, sem contar as referências ao Sinai em outros textos do Antigo Testamento. As narrativas associam ao Sinai a teofania de Deus na montanha (Ex 19), a promulgação do Decálogo (Ex 20), o código da Aliança (Ex 20,22-24), as prescrições sacerdotais sobre o santuário (Ex 25-31), com a sequência da renovação da aliança e construção do santuário (Ex 32-40). A inserção do Levítico, em continuação, situa no deserto o código de santidade. Logo, o livro de Números elenca as tribos e organiza a partida do Sinai (Nm 1-10), tendo, em seguida, a marcha pelo deserto. Em torno ao Sinai, o Pentateuco registra eventos que se desenvolvem por cerca de dois anos, numa narrativa que se estende por 59 capítulos, unificados pela prática cultural, como assinala Schwantes (2008b, p. 107).

A redação do texto bíblico compôs, em sequência histórica, um roteiro de fatos e tradições de contextos e situações muito diversos, como não é difícil observar. Essa composição conectou a tradição do Sinai àquela do êxodo, numa sucessão cronológica linear. Os estudos sobre a história da redação concluem a ordem inversa. “A tradição do Sinai é mais antiga que a do êxodo. É conhecida em Israel antes mesmo que o tema da libertação do Egito fosse divulgado entre as

⁷ Sobre o grupo sinaítico, ver Schwantes (2008b, p. 107-118); também Ribeiro (2017, p. 64-65); Schlaepfer, Orofino e Mazzarolo (2004, p. 41-42); Dreher (1988, p. 52-68).

tribos palestinas e se tornasse o elemento catalisador de sua fé” (DREHER, 1988, p. 64).

Os textos bíblicos não evidenciam uma localização exata para o Sinai, mas apontam em direção a determinada região. Três nomes são registrados, Sinai, Horeb e Monte de Deus. Os três nomes, possivelmente, indiquem localidades diversas. O Sinai seria, nesse caso, uma região mais ampla, que envolve várias localidades. Onde situar essa região? Os indícios apontam para a região sul, certamente para além dos limites da terra de Canaã. Textos bíblicos diversos, de épocas diferentes, confirmam essa hipótese, além de fornecerem argumentos sobre a origem do Deus do Sinai. O Cântico de Débora afirma que Javé vem de Seir e de Edom (Jz 5,4); a bênção de Moisés confirma que Javé vem do Sinai, de Seir, do monte Farã, desde o sul (Dt 33,2); o profeta Habacuc reafirma que Deus vem de Temã e do monte Farã (Hb 3,3). Esses nomes diversos indicam uma direção: “o Sinai está situado a sul, melhor, *sudeste do Mar Morto na região dos edomitas*” (SCHWANTES, 2008b, p. 110).

As populações dessa região sul viviam do pastoreio, portanto, como seminômades. A região toda era caracterizada pela mobilidade constante, em busca de fontes e de pastagens. A exploração de minas e de riquezas naturais fazia da região uma rota comercial intensa. O modo de vida, portanto, era tribal, com a união familiar caracterizada por laços de sangue e de solidariedade. O ambiente do deserto reunia famílias e clãs debaixo de tendas temporárias.

A natureza inóspita do deserto, com suas colinas pedregosas, constitui o cenário no qual está localizada a montanha do Sinai. A teofania de Ex 19 sinaliza uma montanha em agitação. Esse estremecimento se manifesta com fogo intenso e água gotejante, trovões e relâmpagos, terremoto e vento, fumaça e nuvens, clamor e trombeta. Tudo isso evoca uma erupção vulcânica. A busca por montanhas eruptivas, ao sul da Palestina, conduz para a península da Arábia, em direção a Madiã. Além dos textos bíblicos associarem Madiã ao Sinai, não são poucas as evocações dessa região, no contexto bíblico de libertação. Ora, na narrativa bíblica, Moisés fugiu para Madiã, lá se casou e se demorou por anos, na convivência com o sogro (Ex 18,1). Esse sogro de Moisés, “sacerdote de Madiã”, recebe também três nomes na Bíblia, Jetro, Ragüel e Hobab. Os três nomes poderiam ser indício de líderes diferentes, de grupos diversificados.

Historicamente, tendo em comum a condição de escravos fugitivos do sistema faraônico e das cidades-estados, esses grupos se uniram rumo a Canaã para formarem a nova realidade na terra que mana leite e mel. Posteriormente, se juntou a esse grupamento do Sinai, aquele do êxodo e, mais tarde ainda, a tradição do êxodo suplantou a do Sinai (SCHLAEPFER, OROFINO e MAZZAROLO, 2004, p. 39-40).

Jetro, que ensina a Moisés a nova organização do povo, pode ter transmitido também o culto ao deus Javé. Com efeito, é o sogro de Moisés que sugere a este escolher chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez (Ex 18,21). Esse texto (Ex 18) é tido como aquele que descreve o sistema tribal de juízes. Teríamos aí, então, o grupo do Sinai, representado por Jetro, ensinando ao grupo do Êxodo, na figura de Moisés, a nova organização para o povo em Canaã.

Jetro é, nomeadamente, “sacerdote de Madiã” (Ex 18,1) e, nessa qualidade, “ofereceu a Deus um holocausto e sacrifícios” (Ex 18,12). Teríamos, então, o grupo do Sinai, representado por Jetro, transmitindo ao grupo do Êxodo, na figura de Moisés, a divindade Javé, a ser adorada como Deus da nova união tribal. Schwantes (2008b, p. 107) é categórico em afirmar: “O ‘nome’ (xem) de Deus é a contribuição peculiar do grupo sináptico. Dele Israel herda o culto a Javé”.

Não é fácil descrever como era prestado o culto a Javé no Sinai. Essas práticas, possivelmente, se perdem nas brumas do passado, dada a sua antiguidade. Ao longo da redação bíblica, o Deus Javé foi adquirindo novas características, como Deus libertador, Deus guerreiro, Deus da história, Deus da natureza... A prática ao seu culto acompanhou essas novas inserções históricas. Mas não esqueceram a sua origem, “Javé, aquele do Sinai” (Jz 5,5).

A associação do Deus Javé à montanha, tão acentuada nos textos bíblicos, permite concluir que, efetivamente, esse Deus era venerado num lugar de peregrinação, para o qual acorriam as tribos. Segundo Gerstenberger (2007, p. 137), “originalmente o Deus Javé foi, com certeza quase absoluta, um Deus *tribal*”. A adesão das demais tribos ao Deus dos grupos do Sinai, modificou o cenário religioso da Palestina, bem como a configuração social da nova grandeza política que se formava naquele território.

Grupamento Protoisraelita

O grupamento protoisraelita é formado pelas populações originárias do próprio território de Canaã, mais especificamente, das montanhas centrais e das planícies agricultáveis do Norte. Esses grupos seriam constituídos por antigos pastores, que assumiram atividades camponesas, num processo de sedentarização. A teoria mais plausível é que tais camponeses, além de outros grupos submissos às cidades-estados de Canaã, se revoltaram contra o tributarismo cananeu e se associaram, na fuga para as montanhas, assim que o sistema estatal se desintegrou.⁸

Os textos bíblicos mais antigos apontam para essa realidade, com indicação de nomes de tribos, territórios e atividades. É o caso do notório Cântico de Débora (Jz 5), da conhecida Bênção de Jacó (Gn 49) e da famosa bênção de Moisés (Dt 33). Essas listas de tribos de Israel são reconhecidas, pela crítica, como os primeiros textos escritos da Bíblia Hebraica. Tornam-se mais importantes quanto mais próximos dos acontecimentos se situam.

No conjunto desse grupamento originário, um grupo paradigmático é a tribo de Issacar (SCHWANTES, 2008b, p. 52-54). O nome issacar significa homem (*'ish*) assalariado (*sakar*). Ele é nomeado como “jumento robusto” e descrito como quem “baixou seu ombro à carga e sujeitou-se ao trabalho escravo” (Gn 49,14.15). Está associado à vida nas tendas (Dt 33,18) e adere à revolução liderada por Débora (Jz 5,15).

A descrição posterior da tribo de Issacar, de acordo com Js 19,17-23 confirma a sua localização ao Norte, na planície de Jezrael, parte da serra da Galileia, em torno ao monte Tabor. Esse território inclui a localidade de Suném (Js 19,18) também conhecida em textos egípcios. Suném fora uma cidade-estado, anteriormente destruída e saqueada. Documentos do rei de Meguido ao soberano egípcio também confirmam o envio de pessoal para corveia em Suném. Das diversas convergências entre as informações bíblicas e os documentos extra bíblicos, pode-se chegar a algumas conclusões, sobre Issacar, com Schwantes

⁸ A identificação do grupo protoisraelita e de sua importância na formação de Israel se baseia na obra de Gottwald (1986). O grupamento é apresentado, com sua contribuição para a formação de Israel, por Ribeiro (2017, p. 65-85). É descrito basicamente como hapiru por Schwantes (2008b, p. 49-62). Está associado ao grupo abraâmico por Schlaepfer, Orofino e Mazarolo (2004, p. 41-42).

(2008b, p. 54): primeiramente, essa tribo não provém das estepes, mas das condições internas do feudalismo cananeu; em segundo lugar, possui um longo processo de formação, do século XIV ao XI, ilustrando a lenta independentização do campesinado cananeu; e, em terceiro lugar, demonstra a organização tribal na planície, culminando com a rebelião efetiva contra o feudalismo cananeu, como descrito em Jz 5.

Com Issacar, podem ser descritas e associadas as demais tribos do Norte, Zabulon, Aser, Nefatali e Dan. O monte Tabor, lugar sagrado desde os tempos antigos, podia representar uma referência cultural para essas tribos.

Em todo esse processo de formação de Israel, um elemento humano decisivo que se destaca é o dos *hapiru*. São pessoas ou grupos empobrecidos, nômades e sem terras, com direitos limitados, prestando serviços como mercenários, cheios de ímpetos revolucionários. A presença dos *hapiru* é atestada em vários documentos do Antigo Oriente Médio, como perturbadores da ordem social.

A origem dos *hapiru* está na planície. Trata-se do campesinato expropriado de suas terras na planície e, tão espoliado como mão-de-obra, que é forçado a buscar sua sobrevivência à margem das sociedades tributárias, deslocando-se em especial nas montanhas (SCHWANTES, 2008b, p. 52).

Pela descrição de diversos textos bíblicos, pode-se identificar *hapiru* com hebreus. Mas os hebreus, que deviam incluir bandos de *hapiru*, seguiram trajetória própria rumo às montanhas, em busca de sedentarização para constituir uma grandeza política e social diferente.

No processo final da formação de Israel, o grupamento protoisraelita agregou os demais grupamentos, com populações diversas, de múltiplas culturas e de características étnicas próprias. As tradições bíblicas da formação de Israel no Egito e da migração através do deserto rumo à Palestina são reflexo dos grupamentos que se integraram ao Israel nascente. Confirmam, além disso, múltiplas situações de opressão sofridas por aqueles povos e, sobretudo, demonstram testemunhos de fé num Deus libertador que atua em seu favor. Com base na tese de Martin Noth, conclui Gerstenberger (2007, p. 138): “As tribos de Israel surgiram, em todo caso, na terra agricultável da Palestina, e não no Egito,

uma vez que carregam em parte os nomes dos territórios em que foram formados”.

Em suma, Israel é a reunião de grupamentos diversos, a partir de tribos internas ao território cananeu, em movimentos migratórios das planícies para as montanhas, em fuga do tributarismo cananeu, na oportunidade da desintegração das cidades-estados. A esses camponeses sedentarizados, juntam-se tribos de pastores seminômades, imigrantes como os antigos grupamentos patriarcais, os trabalhadores forçados do Egito e os pastores nômades do Sinai.

Considerações finais

Sem pretender uma conclusão categórica, o artigo procurou abrir algumas pistas de interpretação para desvendar as origens históricas do Israel bíblico. Sem pretender, igualmente, desmistificar as narrativas bíblicas, propôs-se dar-lhes fundamento histórico, com apoio dos documentos da época e das pesquisas arqueológicas recentes. Sem supervalorizar, enfim, a história ou a arqueologia, a intenção foi equilibrar as diversas teorias, em vista de uma avaliação crítica e objetiva, tanto quanto possível.

Constata-se, no conjunto, relação entre as narrativas bíblicas e os dados científicos. Mas, se por um lado essa relação não coincide exatamente, por outro lado ela não se contradiz frontalmente. A relação se explica, certamente. Essa explicação supõe valorizar o texto bíblico, religioso, teológico, testemunho de fé, reconhecido como palavra de Deus, bem como a sua contextualização histórica, geográfica, cronológica, envolvendo acontecimentos vivenciados por pessoas concretas.

A busca por uma narrativa coerente resulta em diversas teorias, fruto de esforços que levam a novas hipóteses de pesquisa. Essas teorias fundamentam algumas certezas, mas deixam outras dúvidas. Abrem campo para novas investigações, em vista de mais profunda compreensão do texto bíblico e de mais ampla fundamentação dos dados históricos.

Entre hipóteses e probabilidades, o desafio continua, para responder às perguntas que permanecem abertas: como, onde e quando se formou Israel? Talvez, a melhor resposta esteja em análises que levam em conta tanto as

descobertas da história e arqueologia mais modernas, quanto os métodos sociológicos para compreender o modo de vida daqueles povos, bem como a influência da religião em seus cotidianos. Dessa forma, buscou-se neste artigo conectar teorias mais recentes histórica, arqueológica e sociológica à narrativa veterotestamentária a fim de construir uma análise crítica sobre os povos formadores de Israel.

Referências

ACOSTA BENÍTEZ, M. La Estela de Merneptah y la tasa de desempleo: ideología y teología en la historiografía de los orígenes de Israel. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 63, n. 176, p. 307-330, julio-diciembre 2013.

BRIGHT, J. *História de Israel*. 7. edição, São Paulo: Paulus, 2003.

DEVER, W. G. *Who Were the Early Israelites and Where Did They Come From?* Michigan: Eerdmans, 2006.

DREHER, C. A. As tradições do Êxodo e do Sinai. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 52-68, 1988.

DUARTE CASTILLO, R. Encuentro internacional de la sociedad de literatura bíblica: algunos puntos de vista. *Efemérides Mexicana*, México, v. 8, n. 22, p. 93-102, 1990.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018.

GERSTENBERGER, E. S. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2007.

GOTTWALD, N. K. *As tribos de lahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250 – 1050 a. C.* São Paulo: Paulus, 1986.

KAEFER, J. A. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.

KESSLER, R. *História social do antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

LIVERANI, M. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MAZZINGHI, L. *História de Israel das origens ao período romano*. Petrópolis: Vozes, 2017.

PIXLEY, J. *A história de Israel a partir dos pobres*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

RAY, P. J. Classical Models for the Appearance of Israel in Palestine. In: KLINGBEIL, G. A.; RAY, P. J.; HESS, R. S. (Eds.). *Critical Issues in Early Israelite History*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2008. p. 79-93.

REIMER, H. O Antigo Israel: espaço, fontes e historiografia. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*. Iporá: UEG/UnU Iporá, v. 2, n. 2, p. 60-75, jul./dez. 2013.

REIMER, H. *O Antigo Israel: história, textos e representações*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

RIBEIRO, A. B. T. Novas definições terminológicas para entender a História de Israel. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 111-124, jul-dez. 2016.

RIBEIRO, A. B. T. *Introdução à História e Religião do “Povo de Israel”*: Formação de Identidade e Análise Weberiana Sob o Ponto de Vista de “Povo Pária”. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SCARDELAI, D. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico*: origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHLAEPFER, C. F.; OROFINO, F. R.; MAZZAROLO, I. *A Bíblia*: introdução historiográfica e literária. Petrópolis: Vozes, 2004.

SCHWANTES, M. *Breve história de Israel*. São Leopoldo: Oikos, 2008a.

SCHWANTES, M. *História de Israel*: local e origens. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008b.

SILVA, A. J. A história de Israel na pesquisa atual. In: FARIA, J. F. (Org.). *História de Israel e as pesquisas mais recentes*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 43-87.

SILVA, V. *Deus ouve o clamor do povo*: teologia do êxodo. São Paulo: Paulinas, 2004.

SOGGIN, J. A. Le origini d’Israele: problema, proposte e prospettive. *Henoch*, Torino, v. 8, p. 129-145, 1986.

THOMPSON, T. L. *The Historicity of the Patriarchal Narratives*. Berlin: Walter de Gruyter, 1974.

TREIN, H. A. A situação histórica dos hebreus no Egito e no Antigo Testamento. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 19-30, 1988.

VOGELS, W. *Abraão e sua lenda*: Gênesis 12,1-25,11. São Paulo: Loyola, 2000.

RECEBIDO: 16/06/2020
APROVADO: 21/07/2020

RECEIVED: 06/16/2020
APPROVED: 07/21/2020